

Oração pela vida: uma análise do clipe de Linn da Quebrada

Por Thiago Vinicius Caetano Serafim

Três detalhes são essenciais para que se possa compreender a proposição deste pequeno ensaio, centrado no culto à vida que a produção videoclípica de *Oração* evoca. O primeiro deles é paradoxal, já que corresponde à data de publicação do vídeo – 02 de novembro de 2019 – em que, coincidência ou não, é celebrado o dia do feriado católico de Finados no Brasil. O outro detalhe concerne à *tag* #EstamosVivas anexada acima do título do videoclipe, como pode ser visto no YouTube. Por último, já na reprodução dos primeiros minutos do clipe, é possível observar como a cantora Linn da Quebrada inicia a produção com um facão às mãos. Diferente do que se possa pensar, isto é, tomar o facão como uma arma comum ao assassinato de transexuais e travestis, o objeto serve para “cortar pela raiz” o mal que se direciona à vida dessas mulheres. É no corte do “mal pela raiz” que o clipe de *Oração* se orientará.

Na abertura do videoclipe, Linn, como em uma prece, determina que “algo” termine no aqui e no agora; determina que este algo termine nela, mas que não acabe com ela. Apesar de não mencionar com palavras o que se deseja e determina que deva acabar, é possível inferir, pelos elementos que compõem esse início, que o mal mencionado corresponde à atrocidade e ameaça que as vidas de mulheres trans e travestis estão sempre sujeitas, sobretudo quando consideramos o contexto social cisnormativo em que estão inseridas. Esse determinar de Linn da Quebrada pode servir como um vislumbre para que as próximas gerações vivam com maior dignidade. É o desejo de Linn para que o amanhã de suas irmãs seja diferente, com outros problemas que não sejam apenas a vulnerabilidade e a luta pela existência e que haja novas soluções para que a vida possa ser celebrada com integridade.

Celebrar a vida é também ocupar espaços. Por isso é que o séquito de Linn da Quebrada – formado por nomes conhecidos do cenário musical LGBTQIAP+ como Liniker, Urias, Ventura Profana e outras tantas artistas trans – ruma para ocupar o que parece ser um templo abandonado. Nele, o lugar com pouca luz transforma-se num espaço de alegria, acolhimento e reconhecimento, haja



vista como as artistas parecem se conectar umas às outras por meio do toque, do abraço, do beijo, do dar as mãos e da troca de afeto. O templo é então ressignificado com a união que as mulheres trans do clipe representam, união essa que simboliza a proteção e o cuidar de si e das suas. É importante mencionar que, antes de estarem juntas, cuidando umas das outras, a cantora Linn da Quebrada surge como proteção do espaço com uma unção. Ao seu redor, ela espalha grãos que lembram muito o mineral sal grosso, ainda que os do clipe sejam maiores e mais densos. O material espalhado ao chão parece cumprir bem o que se propõe, já que após essa cena é que o séquito de Linn adentra com confiança o espaço antes abandonado.

Em seguida, o séquito divide o espaço da rua com uma viatura da polícia. Colocada no clipe acidentalmente ou não, a Polícia, órgão institucional do Estado, não figura na produção de Linn uma instância de proteção institucional. Não à toa é que em seguida a viatura debanda, pois a proteção que as mulheres trans precisam não se constitui por uma força armada, mas pela união dessas. De mãos dadas, as mulheres simbolizam com emoção a velha máxima de que é a união que faz a força. Tal força também é observada nas capturas que a câmera faz de cada vida, cada história e cada singularidade retratadas quando os rostos das integrantes do clipe são individualizados, como uma fragmentação do todo sem que este último seja abalado. O gesto de união com as mãos que Linn da Quebrada executa aos 03 minutos e 28 segundos do clipe surge como convite ao espectador para o *celebrar da vida das travas*, poeticamente representado pela letra: “não queimem as bruxas/mas que amem as travas/que amem/clamem”. Linn e seu séquito fazem um clamor à vida e à dignidade de transexuais e travestis. O videoclipe consegue transmitir a noção de que é possível engendrar uma história diferente para a vida dessas mulheres; uma história de união, de força e de resistência, capaz de se distanciar do que se vê nos noticiários quanto à trágica existência de pessoas fadadas ao assassinato e aos crimes de ódio. É por meio da oração que se conclama uma nova história para essas mulheres.

O final de *Oração* é emblemático. Pousadas como se estivessem num quadro, as mulheres mudam a posição que ocupavam anteriormente num movimento cuja velocidade é reduzida, o que abre margem para a leitura desse reposicionamento como um sinal de empatia. Se quisermos ir mais além, tal mudança de posição pode figurar igualmente a não hierarquização na relação estabelecida entre as artistas no decorrer do videoclipe. Com esse remanejamento se pode compreender que cada integrante do séquito de Linn consiga enxergar por outros “pontos de vista”, o que conversa com a proposição a



que nos direcionamos neste breve ensaio de que é possível (e até urgente) estabelecer novas leituras e caminhos quanto à existência de mulheres transexuais e travestis.

Dirigido por Sabrina Duarte e roteirizado por Linn da Quebrada, que também assina a direção artística, *Oração* não deixa de traçar a narrativa pessoal da cantora e das outras artistas convidadas para o videoclipe. Unidas pelo celebrar à vida – a vida transexual e travesti – as artistas que compõem *Oração* transmitem o desejo comum pelo respeito e pela existência íntegra, sem que a morte e a extrema vulnerabilidade sejam as principais condutoras de suas trajetórias. *Oração* ressignifica a história dessas mulheres e vislumbra uma realidade em que seja possível cultivar a vida, o amor e a esperança. *Amém!*

